

Capítulo 1: Como e por Que Razão Escrevi

A história que se segue foi inicialmente escrita em Paris durante a Conferência da Paz, a partir de notas, principalmente apontamentos rabiscados diariamente, em marcha, complementados por alguns relatórios enviados aos meus chefes no Cairo. Depois disso, no outono de 1919, a primeira versão e algumas notas perderam-se. Pareceu-me historicamente necessário reproduzir o relato, tendo em conta que seria pouco provável que mais alguém no exército de Faiçal se “tivesse” lembrado de registar na altura os nossos sentimentos, esperanças e tentativas. Por isso, este relato foi reconstituído com grande repugnância em Londres no inverno de 1919-20, recorrendo à memória e às notas que tinham sobrevivido. O registo dos acontecimentos não se tinha apagado dentro de mim e não se devem ter infiltrado muitos erros factuais — a não ser em pormenores de datas ou números —, mas os contornos e o significado dos acontecimentos tinham perdido nitidez na bruma de novos interesses e, por conseguinte, faltava força à história. Isso, contudo, era inevitável e, como praticamente ninguém além de mim conhecia a versão original, seria tolo lamentar esta perda.

Provavelmente convém dizer alguma coisa sobre as particularidades desta versão. No que toca ao estilo da narração, impõe-se um pedido de desculpas específico. Enquanto grande leitor de livros, a minha própria linguagem foi formada escolhendo do monte escuro de palavras aquelas a que homens muito admirados recorreram, dotando-as de um conteúdo rico e transformando-as no património vivo de todos nós. Por todo o lado há dessas expressões e ideias emprestadas, não identificadas em notas de rodapé nem por meio de aspas desgrenhadas, porque os grandes senhores do pensamento devem ficar contentes quando nos veem a nós, comerciantes, montar o estaminé sob as muralhas dos seus castelos e empregar as formulações por eles cunhadas. Eu, pelo menos,

ficaria feliz se alguém considerasse uma expressão minha digna de ser surripiada.

As datas e os locais estão corretos, de acordo com as minhas notas, mas o mesmo não se verifica com os nomes de pessoas. Desde o fim desta aventura, alguns dos que trabalharam comigo enterraram-se na sepultura pouco funda do funcionalismo público. Os nomes destes foram usados livremente. Outros continuam a ser donos deles mesmos, pelo que os seus nomes são aqui ocultados. Pode acontecer um só homem aparecer com vários nomes. É possível que isto esconda a individualidade e faça com que o livro contenha uma dispersão de marionetas incaracterísticas e não um grupo de pessoas vivas; mas às vezes diz-se bem de alguém, para logo depois se dizer mal, e alguns não me agradeceriam nem por uma coisa nem por outra. Muitas vezes é mais fácil suportar culpas indevidas do que elogios merecidos, sendo difícil, quando se escreve uma história íntima, não iluminar as diferentes facetas das pessoas.

Depois há a questão dos meus colegas britânicos. Este retrato isolado, com a luz principal sobre mim, é injusto para eles. Lamento em particular não ter contado o que os sargentos entre nós fizeram. Não eram bons com as palavras, mas eram excelentes, embora sem a motivação, ou a visão imaginativa do Fim, que animava os seus oficiais. Infelizmente, só me interessava este Fim e este livro descreve apenas o percurso calculado da liberdade árabe, de Meca até Damasco. Procurei descrever a campanha de modo racional, para que toda a gente percebesse como o sucesso foi tão natural, tão inevitável e tão pouco dependente da liderança ou da orientação, e muito menos do auxílio exterior de uns poucos britânicos. Tratou-se de uma guerra árabe, feita e liderada por árabes, com um objetivo árabe, na Arábia.

O meu próprio contributo foi menor, mas, por ter uma pena fluente, liberdade de expressão e alguma destreza intelectual, assumi uma primazia fingida. Por conclusão apressada de um publicista que nos visitou no terreno, esta falsa primazia foi divulgada no estrangeiro como verdadeira. Na realidade, a minha posição era subordinada entre os oficiais. Nunca exerci qualquer cargo entre os árabes, tão-pouco liderei a missão britânica entre eles. Wilson, Joyce, Newcombe, Damway e Davenport controlavam tudo o que fazia. Para aceitar melhor esta subalternidade, raciocinava que era demasiado jovem, e não que eles trabalhavam com mais coragem ou afinco. Fiz o melhor que pude. Wilson, Newcombe, Dawnay, Davenport, Buxton, Marshall, Stirling, Young, Maynard, Ross, Scott, Winterton, Lloyd, Wordie, Siddons, Goslett, Stent, Henderson, Williams, Gilman, Garland, Brodie, Horn-

by, Peake, Scott-Higgins, Ramsay, Wood, Clayton, Bright, Macindoe, Greenhill, Grisenthwaite, Wade, Dowsett, Pascoe e outros fizeram o mesmo. Seria uma impertinência da minha parte louvá-los. Quando quero dizer mal de alguém de fora da nossa unidade, digo; embora haja menos disso aqui do que no meu diário, por escolha minha, porque a passagem do tempo parece ter diluído as nódoas dos homens. Quando quero elogiar pessoas de fora, elogio; mas os assuntos de família ficam entre nós. Cumprimos os nossos objetivos e temos a satisfação de saber que isso aconteceu. Os outros são livres de um dia fazerem o seu próprio relato, paralelo ao meu, mas sem mais menções a mim do que faço a eles, visto que cada um cumpriu o dever que lhe coube, como achou melhor, praticamente sem ver os amigos.

Não se encontra nestas páginas a história do Movimento Árabe, só o relato do que me aconteceu dentro dela. É a narrativa do que tentei fazer na Arábia e de algumas coisas que ali vi. É uma crónica dentro do espírito dos antigos que marcharam com Boemundo ou Ricardo Coração de Leão. Trata da vida quotidiana, de acontecimentos insignificantes, de pessoas pouco importantes. Não há aqui lições para o mundo nem acontecimentos para abalar os povos. O relato está cheio de coisas triviais, quer para que ninguém o confunda com História (aqui está o esqueleto a partir do qual alguém poderá fazer História), quer pelo prazer que me deu recordar o companheirismo da revolta. Gostávamos uns dos outros e há aqui memórias da vastidão dos espaços abertos, do sabor dos ventos fortes, da luz do Sol e das esperanças em que laborávamos. Tínhamos a sensação de que era manhã e a frescura do mundo por vir inebriava-nos. Éramos movidos por ideais inexprimíveis e etéreos, mas pelos quais valia a pena lutar. Vivemos muitas vidas naquelas campanhas tumultuosas, sem nunca nos pouparmos a qualquer bem ou mal; contudo, quando alcançámos os nossos objetivos e o novo mundo nasceu, os velhos reapareceram, apropriaram-se da nossa vitória e refizeram-na à imagem do mundo que antes conheciam. A juventude podia ganhar, mas ainda não tinha aprendido a preservar a vitória, e revelou-se confrangedoramente fraca em face da idade. Balbuciámos que tínhamos trabalhado em prol de um novo céu e de uma nova terra; eles agradeceram amavelmente e instalaram a paz deles. Quando tivermos a idade deles, sem dúvida trataremos os nossos filhos do mesmo modo.

Isto, portanto, é o sonho desmaiado dos tempos em que descí ao pó e ao ruído dos mercados orientais e, com a cabeça e os músculos, com suor e reflexão constante, obriguei os outros a assistir à concretização

dos meus projetos. Os que de noite sonham nos recantos poeirentos das suas mentes, de dia acordam para descobrir que foi tudo vaidade; mas os que sonham acordados são perigosos, pois podem tentar concretizar os seus sonhos de olhos abertos, tornando-os possíveis. Assim fiz. Pretendia criar uma nova nação, restaurar no mundo uma influência perdida, oferecer a vinte milhões de semitas os alicerces sobre os quais pudessem construir um inspirado palácio dos sonhos para as suas aspirações nacionais. Um objetivo tão elevado apelou à mobilidade intrínseca dos seus espíritos e levou-os a participar generosamente nos acontecimentos; quando ganhámos, contudo, fui acusado de pôr em perigo os interesses britânicos ligados ao petróleo na Mesopotâmia e de comprometer a política colonial francesa no Levante.

Receio bem que tenha sido essa a minha esperança. Pagámos de mais por estas coisas, em honra e vidas inocentes. Subi o Tigre com cem soldados do exército territorial de Devon: sujeitos jovens, íntegros e encantadores, capazes de fazerem felizes as suas mulheres e os seus filhos. Ao lado deles, percebia-se nitidamente como era bom ser inglês e fazer parte da sua família. E nós lançámo-los ao fogo aos milhares, para a pior das mortes, não para ganhar a guerra, mas sim para nos apropriarmos dos cereais, do arroz e do petróleo da Mesopotâmia. A única necessidade era derrotarmos os nossos inimigos (entre os quais, a Turquia), o que acabámos por alcançar graças à sabedoria de Allenby, com menos de quatrocentos mortos, usando a nosso favor a força dos oprimidos na Turquia. O meu maior orgulho, nas trinta batalhas em que combati, é o facto de nestas não ter sido responsável pelo derramamento do nosso sangue. Para mim, as províncias do Império, todas juntas, não valiam um só rapaz inglês morto. Se devolvi ao Oriente alguma autoestima, um objetivo, ideais, e se tornei mais exigente o nível do governo dos brancos sobre os vermelhos, preparei de algum modo estas pessoas para uma nova comunidade em que as raças dominantes esquecerão as suas conquistas brutais, e brancos, vermelhos, amarelos, castanhos e negros se unirão, sem olhares de esquelha, ao serviço do mundo.

Dedicámos três anos a este esforço e tive de omitir muitas coisas que ainda não podem ser ditas. Ainda assim, algumas passagens deste livro serão novas para quase todos os que as lerem e muitos procurarão assuntos familiares sem que os encontrem. No início, fiz um relato completo aos meus chefes, mas depois percebi que me recompensavam pela minha própria informação. As coisas não devem ser assim. É possível que as distinções sejam necessárias num exército profissional, bem como as menções honrosas em despachos, e quando nos alistámos tínhamo-nos

colocado, de boa vontade ou não, na posição de soldados regulares. Eu, porém, havia decidido nada aceitar pelo meu trabalho na frente árabe. O governo convenceu os árabes a combater ao nosso lado com promessas bem claras de posterior autonomia governativa. Os árabes acreditavam em pessoas, não em instituições. Viram em mim um agente livre do governo britânico e exigiram-me que confirmasse por escrito as promessas que lhes tinham feito. Por esse motivo, tive de participar na conspiração, dando a minha palavra aos meus homens de que seriam recompensados. Na nossa parceria de dois anos debaixo de fogo, habituaram-se a confiar em mim e a pensar que o meu governo, tal como eu, era bem-intencionado no que lhes dizia respeito. Com esta esperança, realizaram grandes feitos; mas claro que eu, em vez de me orgulhar do que fizemos juntos, me sentia sempre amargamente envergonhado.

Desde o início, foi evidente que, se ganhássemos a guerra, estas promessas seriam letra-morta; se eu tivesse sido um conselheiro honesto dos árabes, ter-lhes-ia dito que regressassem a casa e não arriscassem a vida a lutar por assuntos deste género; mas apaziguava-me a esperança de que, se liderasse estes árabes apaixonadamente até à vitória final, os colocaria, com armas nas mãos, numa posição tão segura (se não dominante), que as Grandes Potências, por interesse próprio, dariam uma resposta justa às suas exigências. Ainda não é claro se consegui; mas é claro que não tinha uma ponta de justificação para os envolver, sem que o soubessem, num perigo assim. Arrisquei-me a ser considerado uma fraude, convencido não só de que a ajuda árabe era necessária para uma vitória rápida e pouco dispendiosa no Oriente, mas também que ganharmos e faltarmos à palavra seria preferível a perdermos. A demissão de Sir Henry McMahon confirmou a minha crença na nossa insinceridade essencial, mas não podia explicar-me nestes termos ao general Wingate enquanto a guerra durasse, visto que oficialmente estava sob as suas ordens e ele não parecia ter noção da falsidade da sua própria posição. A única coisa a fazer era recusar recompensas por conseguir enganar as pessoas. Para impedir que esta situação desagradável voltasse a ocorrer, comecei a esconder as verdadeiras histórias nos meus relatórios e a convencer os poucos árabes que conhecia a comportarem-se com a mesma reserva. Neste livro, e também pela última vez, pretendo ser eu próprio a decidir o que dizer.